

AVE MARIA





PUBLICAM SUAS PROMESSAS E AGRADECEM GRAÇAS RECEBIDAS:

SÃO PAULO — D. Janira M. Rota, aos Santos de sua devoção. — Uma devota, a Santo Antônio. — D. Adelina Lemes, ao Sagrado Coração de Jesus.

CAMPOS — D. Atalá Gesteira Passos, por Virgínia e em louvor de Santa Rita de Cassia. — D. Salime Mansur, pela Novena das 3 Ave Marias. — D. Elzira Rangel, pela Novena das 3 Ave-Marias. — D. Antônia Barreto, pela Novena do Menino Jesus de Praga.

MIMOSO — D. Maria Fuim, por João e Alexandre Fuim.

CAMBUCÍ — D. Jandira Perazzio Lannes, aos Santos de sua devoção. — D. Afonsina Monteiro Velasco, aos Santos de sua devoção. — D. Arací B. Guerrante, a São José e Santa Terezinha.

BOM JARDIM — D. Maria do Espírito Santo Aguiar, a Santa Terezinha e aos Santos de sua devoção. — D. Júlia Brasil Silva, por Maria Brasil Latanzi e Augusta Silva Oliveira. — D. Maria Brasil, por Maria, Francisca, José e Maria Gomes Souza. — D. Elvira Leandro, por Antônia, Carmela e Felipe. — D. Maria Leandro Miranda, a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e Nossa Senhora da Conceição. — D. Leopoldina Neves, às almas. — D. Pacífica Considera, por Tomás, Maria e Manoel Joaquim Freitas. — D. Maria Pia Castelar, a Nossa Senhora da Guia. — Antonieta Carrillo Combat, aos Santos de sua devoção.

CANTAGALO — D. Maria Nassif, por Carolina, Benedito, Juventina, Wady e Paulo; pelas falecidas do Carmo, por seus pais Zacarias e Maria. — D. Alia Nassif, por Sofia Nassif. — Noêmia Erthal, aos Santos de sua devoção.

ITAOCARA — D. Feia Guimarães Pinheiro, a Nossa Senhora.

ORLANDIA — D. Amélia Dias Cividanes, aos Santos de sua devoção.

JOINVILE — Sr. Antônio dos Passos, pelas almas.

ITATIBA — D. Jacomina Dal Nero, por Vicente Dal Nero e Reinaldo Carreri.

SOROCABA — Uma devota, ao Coração de Maria.

PIRAPITINGA — D. Elvira Martins Fernandes, ao Imaculado Coração de Maria.

SÃO JOSÉ DO RIO PARDO — D. Zita Vilela Tobias, pelas almas.

VARGEM GRANDE — D. Generosa Ferreira Costa, a Nossa Senhora das Graças.



UMA CONFISSÃO DE FÉ

Após uma terrível batalha durante a grande guerra européia de 1914, um oficial francês, acompanhado de alguns enfermeiros, foi procurar os soldados feridos que jaziam entre os escômbros da cidade bombardeada, quando de repente ouviu uma voz que gritava:

— Socorrei-me, socorrei-me, eu morro!

Era um soldado, mortalmente ferido, que já encostado na parede duma casa quasi completamente destruída; a seu lado achavam-se estendidos dois cadáveres. Ao ver o oficial, perguntou-lhe:

— Tenente, sois sacerdote? — Não, camarada, mas sou bom cristão. Quero mandar levar-te ao lazareto, onde encontrarás um sacerdote.

— Mas, sr. tenente, quero contar-vos que ha muito tempo perdi a fé; mas este morto ma restituiu; durante muito tempo gritou por um sacerdote, e quando estava prestes para morrer, disse: "Sou cristão e quero morrer como cristão". Depois molhou seu dedo no sangue que corria de suas feridas e escreveu aqui nesta parede: "Creio em Deus!" E apenas tinha traçado a última sílaba, morreu. Tenente, agora creio em Deus!

SI O PESO DE SEU BEBÊ NÃO É NORMAL...

...talvez precise uma ligeira mudança em seu regime alimentar. Si continua a perder peso, consulte seu médico. Em "Meu Livro de Receitas" encontrará muitas sugestões para variar o menú de seu bebê

Peça-o. É inteiramente GRATIS!

À MAIZENA BRASIL S. A. 35 36
CAIXA POSTAL, F - S. PAULO
Peço enviar-me, gratis, o "Meu Livro de Receitas"

Nome
Rua
Cidade Estado

MAIZENA DURYEA



AVE MARIA

REVISTA SEMANAL CATÓLICA ILUSTRADA

ASSINATURAS:

Perpétua 150\$000

Ano 10\$000

Número avulso . . . \$500


(Com aprov. eclesiástica)

RED. E ADMIN.:

Rua Jaguaribe, 699

Fone: 5-1304 - Caixa, 615

OFICINAS: Rua Martim Francisco, 646-656



DUAS NOVAS DEVOÇÕES, ★ IMPROVISADAS E MANDADAS

AMIGOS de novidades são os homens, como dos contos, fábulas e romances; mas são amigos para saber, para entreter a curiosidade e, talvez, a malícia nos seus juízos acerca dos acostecimentos. Se, porém, as novas coisas que se recomendam e apregoam, reduzidas a prática, ferem ou diminuem certos interesses, ou se provocam a inveja pela maior estimação de outras pessoas, se ha concorrência de instituições congêneres, não ha para se admirar, se surge sem demora a contradição, a guerra e a perseguição encarniçada.

Tal acontece por êsses motivos, e muitas vezes, com as instituições religiosas, mostrando-se, pois, na firmeza, na persistência inabalável a inspiração divina da sua fundação.

Com tudo e por favor extraordinário, concede-se às vezes um triunfo completo já nos primeiros tempos, embora depois venha confirmá-la o chamado sêlo da esperada contradição.

Isto se deu, ha mais de um século, com a Archiconfraria do Coração de Maria e agora em nossos dias com a Entronização da imagem do Coração de Jesús no seio das famílias cristãs.

O P. Desgenettes, pároco de Nossa Senhora das Vitórias, de Paris, estava deso-

lado e muito desanimado pela falta completa de assistentes aos cultos religiosos da Igreja numa paróquia de dezoito mil almas; e um belo dia, na festa do grande apóstolo São Francisco Xavier, ainda estava mais desencorajado, pois o único ouvinte da missa era o seu ajudante, quando na hora de rezar o **Sanctus** ouviu distintamente uma voz que lhe dizia: Consagra a tua Igreja e a tua paróquia ao santíssimo e imaculado Coração de Maria.

Acabada a missa e estando a dar graças, se renova no espírito a mesma perturbação, e outra vez ouve uma voz de comando, mas com um tom mais vivo e emocionante: Consagra a tua Igreja e a tua paróquia ao santíssimo e imaculado Coração de Maria.

Nunca êle ouvira tais vozes extraordinárias e nem tivera devoção pelo Coração de Maria; mas desta segunda vez, não duvidou, sentiu-se inspirado até para fundar a confraria do Coração de Maria, para a conversão dos pecadores, conceber a sua organização e traçar e dirigir os estatutos, tal como subsistiam anos depois, quando funcionava com todo o seu vigor e por todo o mundo a improvisada associação.

Era preciso desde logo a aprovação canônica pelo arcebispo de Paris; mas achava perigosa a repulsa por ser uma novidade, e muito mais, se contasse ao Prelado as tais vozes sobrenaturais. Resolveu portanto

silenciar sobre o que fosse misterioso, e propôs somente as razões que podiam mover o Prelado à difícil concessão.

Se S. Excia. aprovar, será o sinal da verdadeira inspiração, calculava consigo.

Qual não foi a sua surpresa e a sua alegria, quando dos lábios do arcebispo ouviu logo estas palavras: Aprovo a sua proposta, e não só aprovo, mas **mando** que se funde a confraria!

Evidentemente e ante tal aprovação e mandamento, completamente inesperado, o Arcebispo naqueles momentos recebera também inspiração de Deus.

Inspiração que logo se comprovou pelo êxito pleno e pelas muitas conversões que depois das orações da Arquiconfraria vieram-se sucedendo.

Quasi em nossos dias deu-se também outro fato semelhante, porém mais solene por tratar-se de S. S. Pio X.

Pelo ano de 1907, o P. Mateo Crowley, da Congregação dos Sagrados Corações de Jesús e Maria, curado milagrosamente na capela das Aparições do Santuário de Paray le Monial, propôs-se iniciar também o apostolado de um novo modo de honrar, e de honrar solenemente o Coração de Jesús com frutos de salvação e santidade, entronizando ou seja colocando a imagem do Coração de Jesús no lugar de honra de cada uma das casas de família. Ante a previsão quasi certa das contradições que haveria de sofrer no seu apostolado, cogitou de obter a aprovação da Santa Sé, o que lhe daria facilidades de propagá-la em todo o mundo.

O Santo Padre Pio X que então governava a Igreja, ouvindo a proposta, por sua vez inspirado, diz ao Missionário humilde e suplicante:

— Não, não lho permito.

— Mas, Smo. Padre...

— Não, não lho permito, insistiu Pio X na sua negativa só aparente, e com certo sorriso, e abrindo os braços, apertou o Padre contra o seu coração e acrescentou: Mando-lhe que o faça. Mando-lho, ouviu bem? Não só lho permito, mas ordeno-lhe que gaste a sua vida nesta obra de salvação social. É uma obra admirável, dê-se, sacrifique-se todo a ela.

E a obra da entronização do Coração de Jesús, começando na América do Sul, na República do Chile, residência do missionário e na do Perú, a sua pátria predeterminada, espalhou-se rapidamente por todo

o mundo pela propaganda pessoal, admirável e eficazíssima do missionário e pela propagnada escrita por meio de pessoas tão devotadas e entusiastas, que também do modo que podiam, foram trabalhando com dedicação e sacrifício para o reinado universal, família por família, do Divino Coração.

Coincidência notável nas duas aprovações de novas formas de devoção, acompanhadas imediatamente do mandamento da legítima autoridade da Igreja. Mons. Quelen, o arcebispo de Paris, presenciara as grandes, as irreparáveis devastações da Revolução francesa que não foi só política, como a consideram muitos superficialmente, mas, foi também e principalmente, anti-religiosa; e pois, S. Excia. teve pressa de restaurar e renovar o mais cedo possível a vida cristã no centro da França pela conversão dos pecadores transviados, inimigos tíbios ou indiferentes.

Pio X contemplava também as ondas impetuosas e de imoralidade e de laicismo que por toda a parte invadiam a família, e porisso não quis demorar-se com expedientes e pedidos universais dos bispos, como se faz com outros pedidos de novas devoções: aprovou e ordenou, embora pelo meio suave da prégação e da persuasão de um grande missionário, habilitado pelo Coração de Jesús no próprio lugar das suas aparições a Santa Margarida Alacoque.

P. Luis Salamero, C. M. F.

O SANTO DA SEMANA

JUNHO

- DIA 14 — III Domingo depois de Pentecostes; São Basílio Magno.
- DIA 15 — São Vito; São Modesto; Santa Benilde.
- DIA 16 — São Cloro; São Francisco Regis; Santa Justina.
- DIA 17 — Santo Isauro; São Manuel; Santo Adolfo.
- DIA 18 — Sagrado Coração de Jesús; São Calógero; Santo Armando.
- DIA 19 — São Gervásio; Santa Juliana; São Protásio.
- DIA 20 — São Silvério; São Macário; Santo Adalberto.

MÃES

“Tudo o que ha de bom em mim, devo-o a minha mãe”.

Estas palavras são de Napoleão, o homem genial, que pode ser discutido, admirado ou detestado ainda, mais dum século depois da sua morte, mas cuja figura extraordinária de homem de Estado e de general não foi excedida ou mesmo igualada até hoje.

Napoleão não dava à mulher uma grande importância intelectual e não tinha simpatia, nem benevolência, por aquelas que, como Mme. de Stael, pretendiam imperar nesses domínios, mas, como se vê, pelas palavras que citamos, em que se refere a sua mãe, reconhecia a influência feminina, e sobretudo a salutar, a doce influência da mãe sobre os seus filhos, mesmo quando estes têm uma personalidade excepcionalmente vincada e singularmente superior ao vulgar.

“Tudo o que ha de bom em mim, devo-o a minha mãe”.

Ha muito que meditar nestas palavras, que consagram a benéfica influência maternal, e ao mesmo tempo a responsabilidade da mulher perante os seus filhos.

A mãe, a boa mãe, não tem direito de se desinteressar, de se anular relativamente a um filho, com razão: “é um rapaz”. Nunca a mãe deve abdicar do seu papel de educadora primeiro e de conselheira amável depois.

Nunca deve prescindir de exercer a sua afectuosa influência, tendo em vista que pode transmitir a seu filho, com a sua dedicação consoladora, com a sua perspicácia de mulher, com a sua ternura de mãe, quanto de bom ha no seu coração e no seu pensamento.

O homem que saiba amar e respeitar sua mãe e suas irmãs, respeitará todas as mulheres dignas de serem respeitadas. Só a mãe consegue incutir na alma do homem, desde a infância, esse respeito pela mulher, essa bondade que o impede de cometer más ações sentimentais.

É grande a responsabilidade e o dever da mãe, porque quasi sempre é grande a influência que pode exercer.

Ha mães que deixam ao pai o exclusivo encargo de encaminhar os rapazes e reservam a sua atenção para as moças. Isto não deve ser assim. É claro que as filhas precisam muito da vigilância e cuidado da mãe e os rapazes da autoridade do pai — mas também para elles é precisa a influência da delicadeza materna

Prisioneiro de amor



Tão só o meu Senhor desconhecido,
Tão só, meu coração!
E te dizes de amor, de amor vencido?
Oh! vai buscá-lo então!

Busca-o pela manhã na Eucaristia,
De tarde no sacrário...
Como ansioso te espera cada dia
O pobre solitário!

Dos homens é tão grande a indiferença
Pelo Deus que os creou,
Por este Deus que uma ternura imensa
No ermo aprisionou!...

Oh! vai, meu coração, a cada instante,
Em cada pulsação,
Afiançar-lhe que tu lhe és constante
Pelos que lhe não são.

e para elas da experiência e do amparo paternal.

Pai e mãe têm deveres que se devem exercer em boa harmonia e sempre para bem dos filhos.

As palavras de Napoleão encerram o maior elogio das mães.

M. C.



Lições Evangelicas

III DOMINGO DEPOIS DE PENTECOSTES

“Naquele tempo, iam-se aproximando de Jesús os publicanos e os pecadores para o ouvirem. E os fariseus e os escribas murmuravam, dizendo: Este recebe os pecadores e come com elles. E Elle propoz-lhes esta parábola, dizendo: Qual de vós, tendo cem ovelhas, se perde uma delas, não deixa as noventa e nove no deserto e vai procurar a que se tinha perdido, até encontrá-la? E, tendo-a encontrado, não a põe alegremente sobre os hombros e, indo para casa, chama os seus amigos e visinhos, dizendo-lhes: congratulai-vos comigo, porque encontrei a minha ovelha que tinha perdido? Digo-vos que do mesmo modo haverá maior jubilo no céu por um pecador que se converte que por noventa e nove justos que não têm necessidade de penitência. Ou qual é a mulher que, tendo dez dracmas e perdendo uma, não acende a candeia e varre a casa e não a procura diligentemente, até que a encontre? E que, depois de achá-la, não convoca as amigas e visinhas, dizendo: congratulai-vos comigo, porque achei a dracma que tinha perdido? Assim vos digo Eu que haverá jubilo entre os anjos de Deus por um pecador que faz penitência.”

Neste quadro, retrata-nos o Evangelista São Lucas dois tópicos muito importantes da vida de Jesús. Um, é a sua bondade e doçura, que atraia a si toda sorte de pessoas, mesmo as da classe mais desprezada, quais eram os publicanos. Outro, é a perpétua luta de Jesús com os seus mais acirrados inimigos, os fariseus.

Publicanos e fariseus eram duas classes de homens que se aborreciam e odiavam de coração. Os publicanos eram os empregados do império romano, encarregados de cobrar os impostos. Daí o serem desprezados por seus compatriotas e serem tidos como traidores da nação e os maiores pecadores. O contrário d'elles eram os fariseus, gente que alardeava muita observância da lei e muito zelo pela tradição patriótica. Esses tais eram homens cheios de si, cóncios da sua alta dignidade e, por isso mesmo, muito soberbos. Esta soberba cega foi que lhes obscureceu o entendimento para não compreenderem a divina doutrina do Mestre e o facho que lhes acendeu no coração um ódio surdo e hipócrita, que armava ciladas a Jesús e o perseguia em toda a parte e sem cessar. Numa dessas ocasiões em que Jesús se entretinha em ensinar aos publicanos, chegaram os fariseus. Escandalizaram-se por verem-no tratar com aquela gente pecadora. E começaram a murmurar. Jesús conheceu-lhes os pensamentos e, em lugar de os apostrofar, como já fizera algumas vezes, preferiu falar-lhes mansamente. Em vez de patentear a todos a refinada hipocrisia daqueles que se julgavam perfeitos observantes da lei, quis antes falar-lhes ao coração, para vêr se ressuscitava ali uma centelha de compaixão para com os humilhados publicanos. Propoz-lhes, para isso, duas parábolas profundamente orientais e que

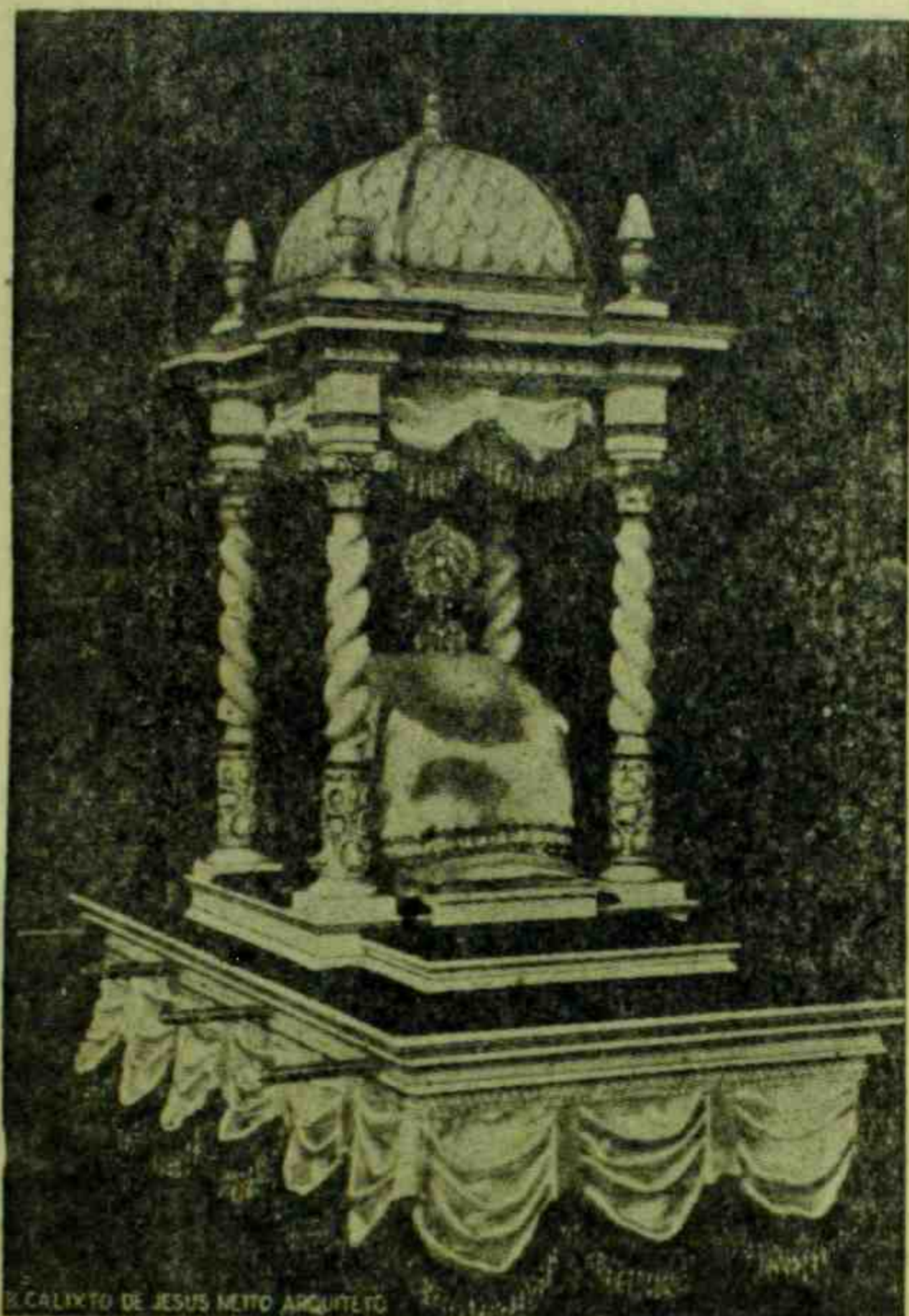
podiam ser perfeitamente compreendidas por todos. Na forma diferem uma da outra, mas o fundo de ambas é o mesmo. Quer Jesús significar com elas o grande empenho que Deus tem em salvar os homens.

Vai um pastor tangendo o seu rebanho e, sem que elle o advirta, uma ovelhinha desgarrar-se das outras e afasta-se da sua companhia. Em chegando, porém, ao aprisco, o pastor, que as conhece todas pelo seu nome, percebe a falta da tresmalhada. E larga imediatamente as outras noventa e nove e lá vai, todo cuidados, em busca da ovelha perdida. Depois de muito procurar, encontra-a, finalmente. Toma-a sobre os ombros e, acariciando-a, volta para junto das outras.

Figura expressiva é este bom pastor dêsse outro Pastor de almas que é o mesmo Jesús. Elle desceu do céu para reunir todos os homens numa fé única, numa só Igreja, como o pastor reúne, num só rebanho, todas as suas ovelhas. Mas, em primeiro lugar, Jesús viera para as ovelhas perdidas de Israel. Elas, porém, guiadas por pastores que não eram pastores, mas tão somente mercenários desinteressados pelo bem de ovelhas que lhes não pertenciam, revoltaram-se contra o seu pastor verdadeiro e desertaram o rebanho de Jesús. Por isso, este bom Pastor queixou-se já em sua vida, dizendo: O reino do céu padece violência, isto é, a pregação do meu Evangelho que ensina o verdadeiro caminho da vida eterna, tem muitos adversários que a combatem. E acrescentou: e os violentos o arrebatam; quer dizer que os inimigos de Jesús não só se opõem e dificultam a pregação do seu Evangelho, mas, infelizmente, muitas vezes chegam até a tirar a fé daquêles que já a possuíam.

Vendo, então, o descaso que os israelitas faziam da doutrina e da fé que lhes pregava, voltou-se Jesús para o paganismo e encomendou aos seus apóstolos que fossem por todo o mundo e levassem ao conhecimento de todos os homens os seus ensinamentos. Mas, essa clamorosa e tenaz opposição ao reino do céu, que já principiara nos tempos do Mestre, o fazia suspirar; longe de minorar, com o correr dos tempos cresceu e avolumou-se. Primeiramente, foram os judeus que se esforçavam por impedir a dilatação da nova Igreja; depois, foram os imperadores romanos os que, por trezentos anos, condenaram o pequeno rebanho de Jesús a viver como que sepultado nas catacumbas. Vieram, mais tarde, as heresias e, finalmente, a prodigiosa multiplicação dos homens sem fé e sem religião, que são os fariseus modernos, com outros nomes. Mas, nem assim cessa este divino Pastor de procurar, solícito, as suas ovelhas. Elle deixa as fiéis ao abrigo da Igreja e corre às terras dos pagãos chamando-os à luz de sua fé redentora. Continua, dessa maneira, a realizar a obra do pastor da sua parábola. E nós, cristãos, deixá-lo-emos trabalhar sózinho?

Carro triunfal



Como coroamento dos trabalhos do IV Congresso Eucarístico Nacional de São Paulo, terá lugar a procissão eucarística, iniciada, na Matriz de São Geraldo das Perdizes, percorrendo toda a Avenida São João, e terminando no Parque Anhangabaú, no altar monumento.

Para o percurso desta procissão foi construído um belo carro para transportar o Santíssimo Sacramento, levado pelo Eminentíssimo Sr. Cardeal Legado, D. Sebastião Leme.

O carro triunfal faz um conjunto de nobreza de linhas e sobriedade de adorno, dando à majestade do conjunto um todo elevado e sobrenatural, afim de mais nos prender a Nosso Senhor aí levado sob as espécies eucarísticas. Nada de supérfluo ou fútil, mas tudo muito fino e artístico; será uma das mais belas e principais peças de arquitetura construída para o Congresso Eucarístico.

O carro triunfal tem 4 metros de comprimento por 2,20 de largura e descansa sobre um "chassis" de auto, com quatro rodas de pneumático; os jogos de breque e de direção serão fixados em duas pequenas alavancas colocadas ao lado direito do carro. Não terá motor.

Neste tablado de 4 metros será levantado, sobre 4 colunas, um cibório de madeira, sendo

os capitéis, cúpula e frisos trabalhados a ouro e laqueado de branco. As 4 colunas contorcidas, e todo o conjunto do carro obedecem ao estilo colonial. Sob o cibório está colocado um genuflexório para o Sr. Cardeal Legado e uma pequena mesa sobre a qual ficará o ostensório com o Santíssimo Sacramento.

O ostensório no qual será levado o Santíssimo Sacramento, será o oferecido pelos fiéis à Arquidiocese de São Paulo e feito com as joias e pedrarias doadas pelos católicos de São Paulo e de vários Estados do Brasil.

Alguns tufo de flores naturais colocados nas extremidades do carro serão o adorno suficiente para esta bela e preciosa peça.

O carro triunfal será conduzido por 12 sacerdotes revestidos de dalmáticas que o empurrarão por meio de braços de metal colocados aos lados do carro.

Com trabalho de tapeçaria será vestido o jôgo das rodas.

O projeto do carro triunfal é do arquiteto Benedito Calixto de Jesús Neto, e a execução do Liceu de Artes e Ofícios desta Capital. A orientação do trabalho do carro triunfal está aos cuidados da Obra dos Tabernáculos da Arquidiocese.

Executada já a maquete deste carro, se acha ela exposta no salão nobre do Palácio São Luiz, devendo depois figurar na exposição solene da Obra dos Tabernáculos, juntamente com todas as peças e ornamentos feitos pela mesma Obra, para o Congresso Eucarístico Nacional de São Paulo.

São Paulo, 1.º de Junho de 1942.

Cônego Sílvio de Moraes Matos
Assistente Eclesiástico da Obra dos
Tabernáculos da Arquidiocese



- * O amor próprio nos separa de Deus e do próximo; a caridade nos aproxima de um e de outro. Um nos leva à morte, o outro à vida; um às trevas, o outro à luz; um suscita a guerra, o outro promove a paz. — (Sta. Catarina de Sena.)
- * Enquanto o homem se compraz no amor próprio, êle é um "condenado", no sentido literal da palavra, condenado a viver sem felicidade, sem luz, sem alegria. — (Santa Catarina de Sena.)
- * As advertências despertam, as instruções esclarecem, mas é a oração que transforma as almas e que as converte, porque é ela que atrai sobre as obras apostólicas as graças e as bênçãos do céu. — (Santo Agostinho.)

Meu Cantinho

A comunhão das crianças

DEIXAI VIR A MIM...

É a palavra de Nosso Senhor no Evangelho: Deixai vir a mim as criancinhas! *Sinite parvulos venire ad me*. Jesus quer habitar nos coraçõezinhos inocentes, quer tomar posse das almas infantis e bem cedo, antes que o pecado ali faça as suas terríveis devastações. Pio X, o santo pontífice que esperamos ver em breve nos altares, abriu o sacrário aos pequeninos, com o memorável Decreto "*Quam singulari*" de 8 de Agosto de 1910.

Podem e devem comungar as criancinhas, ainda na mais tenra idade. A Igreja venceu os preconceitos, o Jansenismo, as idéias perigosas e falsas sobre a comunhão das crianças.

Ha melhor preparação para a comunhão que a inocência?

Qual de nós será mais digno de receber a Jesus no seu coração que uma almazinha pura de criança? Tendo em mente a palavra de Jesus Cristo, o chamado dos pequeninos, a Igreja, diz Pio X desde o principio cuidou de chamar as criancinhas a Cristo por meio da comunhão eucarística. E a Eucaristia era dada até mesmo às criancinhas de peito. Os rituais antigos, até o século XIII, ordenavam entre as cerimônias do batismo que se desse a comunhão à criança que acabava de ser regenerada pelas águas do Santo Batismo.

Este costume durou muitos séculos.

A comunhão dos inocentes é, pois uma das mais belas tradições da Igreja.

Depois o Concilio de Latrão decretou que as crianças não se aproximassem da Mesa Sagrada sem terem chegado à idade do uso da razão. O Concilio de Trento confirma o preceito.

Não obstante, o Jansenismo e outras perigosas doutrinas foram afastando os inocentes da Mesa Sagrada. Vem Pio X e reprova energeticamente os que desviam as criancinhas de Jesus-Hóstia, abre o sacrário generosamente aos pequeninos. O decreto "*Quam singulari*", foi uma fonte de nova vida e de energias, uma libertação.

OBJEÇÕES

Dizem: — "as criancinhas não possuem um conhecimento perfeito do que vão receber, não podem saber o que é uma comunhão".

Sim, é verdade, mas a Igreja não exige este conhecimento perfeito.

Uma criança ao chegar ao uso da razão, podendo distinguir o pão eucarístico, do pão comum, isto é, sabendo que na Hóstia consagrada está Jesus Cristo e que ali não ha pão como o pão que se come cada dia, mas o verdadeiro Corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo, este conhecimento com os rudimentos da fé, as

verdades principais, só isto basta para a Comunhão das crianças.

Diz Santo Tomás de Aquino: "Quando os meninos começam a ter algum uso da razão, e já podem ter alguma devoção ao Sacramento da Eucaristia, então se lhes pode dar este sacramento".

E o Decreto "*Quam singulari*" cita os comentários de graves autores:

Escreve Ledesma: — "Digo que segundo o sentir de todos, a todos que chegam ao uso da razão se deve dar a Eucaristia imediatamente logo que adquiram este uso. E isto, ainda que a criança só confusamente conheça o que vai fazer".

Santo Antonino: "Quando a criança já é capaz de pecar mortalmente está obrigada ao preceito da confissão e da comunhão".

E o Decreto de Pio X argumenta com os Concilios, os teólogos e os documentos mais veneráveis da Igreja, provando a necessidade de dar a comunhão às criancinhas mal chegadas ao uso da razão.

E o respeito? E o tremendo respeito que ha de ter quando recebe no seu coração o próprio Deus?

Falam estes como os Apóstolos ao afastarem as criancinhas de Jesus. A resposta da Igreja é a mesma de Nosso Senhor: — Deixai vir a mim as criancinhas. Deixai que as criancinhas comunguem!

O QUE EXIGE A IGREJA...

A Igreja para a Comunhão das crianças em tenra idade exige pouca coisa. É inútil o Jansenismo tentar afastar os pequeninos da Mesa Sagrada.

Eis o que a disciplina da S. C. dos Sacramentos em 15 de Julho de 1910 estabeleceu:

1.º — A idade da discricção para a confissão e comunhão, é aquela em que a criança começa a raciocinar, isto é, os sete anos mais ou menos. Desde então começa a obrigação de cumprir os preceitos da confissão e comunhão.

E então? Porque deixar as crianças até 12 e 15 anos sem os sacramentos?

Porque ser mais exigente que a Igreja? Deixem que as criancinhas venham a Jesus!

2.º — Para a Primeira Comunhão e primeira confissão não é necessário um conhecimento pleno e perfeito da doutrina cristã. O menino irá depois aprendendo gradualmente o catecismo segundo a sua inteligência.

3.º — O conhecimento da religião que se requer no menino para a primeira Comunhão é aquêle em que segundo o seu desenvolvimento, percebe os mistérios da fé, necessários por necessidade de meio, e distingue o pão eucarístico do pão comum e corporal de maneira que

se chegue a Eucaristia com a devoção própria da sua idade.

Eis aí o que quer, o que pede e o que exige a Igreja para a Comunhão das crianças.

Ha portanto uma criancinha que possa ficar afastada da Mesa Santa?

Nem será preciso esperar os sete anos. Si alguma criancinha sabe o que é comungar, isto é, que na Hóstia está Jesús, e sabe mais ou menos a doutrina nos seus pontos essenciais, embora não com toda clareza.

Enfim, a criança ha de comungar como criança!

E entra pelos olhos que não se pode exigir de um neo-comungante de seis e sete anos, o preparo, o conhecimento, a piedade de um jovem adolescente ou de um adulto.

Compreenderam bem isto, senhores pais e educadores?

Vamos! Levemos as criancinhas a Jesús-Eucarístico!

Seja esta uma das resoluções dêste ano Eucarístico Nacional!

P. Ascânio Brandão



VÁRIAS OPINIÕES SOBRE AS DANSAS

ESCRITORES PAGÃOS:

Ovídio — As dansas são sementes dos vícios.

Cícero — Não dança, senão quem está bêbado ou louco de todo; a dansa encerra em si todos os vícios.

Petrarca — As dansas são um espetáculo frívolo, indigno do homem, causa horror aos olhos castos, é um prelúdio das paixões, a fonte das inumeráveis infâmias, só produz impurezas; só serve para arruinar os corações e fazer guerra à castidade.

ESCRITORES CRISTÃOS:

Tertuliano — A sala de dansa é o templo de Venus e casa de impureza.

São Basílio — A dansa é o tráfico vergonhoso das obscenidades.

São João Crisóstomo — A dansa é a escola das paixões impuras.

Santo Ambrósio — As dansas são a morte da honestidade.

São Carlos — A dansa é um círculo cujo centro é o demônio, rodeado pelos escravos que dansam.

São Cipriano — É impossível estar cercado de fogo e não arder; sem um milagre é impossível conservar a castidade nos perigos voluntários do baile.

A EXPERIÊNCIA:

De cem moços — interrogados, noventa e nove declararam que não queriam uma danarina para espôsa.

Sol eucarístico

Ha um sol mais poderoso e benéfico que o astro do dia.

Foco de luz celeste para todas as mentes sequiosas da verdade, fonte de calor divino para todas as vontades famintas do bem, centro de atração para todos os corações desejosos da verdadeira felicidade — é a Eucaristia.

Quantas almas juvenis, na flor da idade, com um mundo de sorrisos e amores às portas do coração, abandonam o doce aconchego do lar e as doçuras da amizade, e vão em demanda



de plagas longinhas, entregar-se a uma vida de sacrifícios e a uma morte prematura — porque a divina energia da Eucaristia é mais forte que os mais estreitos laços do sangue e do coração.

— *Dizei-me, Irmãs de Caridade, aonde ides?*

— *Embarcamos para Ceilão, servir aos leprosos.*

— *Por quantos anos?*

— *Por toda a vida.*

— *A trôco de que?*

— *Trabalhamos de graça, pelo amor de Deus.*

— *Mas, que vida de inferno não ha de ser essa!*

— *Nem tanto assim; vai conosco o céu: comungamos cada manhã e temos forças suficientes para os trabalhos do dia e ainda para as vigílias da noite.*

Que valor, que energia provém da Eucaristia!

Nossos defuntos



D. MARIA HERNANDO DE DOMINGO, falecida em Madrid a 4 de Dezembro de 1941, mãe estremeçada de nosso prestimoso propagandista Irmão Antônio Domingos e cuja noticia foi publicada no número 21 desta Revista.

*

D. HELENA PIPPI CAUDURO

Senhora de virtudes acrisoladas, de coração bondoso e nobre, deixou esta vida para gozar das infinitas glórias do céu. Os 43 anos de sua existência estiveram misturados de graves e prolongadas doenças, sofridas com paciência. Espôsa devotada e mãe estremeçada cifrou a sua felicidade nas alegrias puras do lar e na boa educação dos filhos em cujos corações soube imprimir com caracteres indeléveis os princípios basilares da nossa Sacrosanta Religião. Passados meses de cruciante martírio, no dia 5 de Junho nesta cidade de São Paulo, depois de aceitar a morte com resignação cristã e tendo recebido os últimos Sacramentos e a Bênção Apostólica, entregou sua bela alma nas mãos do Criador quando imprimia ardentes ósculos no Santo Crucifixo. Entrementes o seu amante esposo, estremeçados filhos, parentes e amigos, ajoelhados

BAMBUÍ (Minas)

Congregação Mariana, recentemente fundada pelo Rvmo. P. João Veloso, digníssimo Vigário.



Um conselho por semana

Quando São Pedro perguntou a Jesús quantas vezes deveria perdoar, si até sete, o divino Mestre respondeu-lhe: Não te digo até sete vezes, senão setenta vezes sete.

É o perdão sempre, indefinidamente. Porque Jesús quis mudar nossa atitude equivocada diante dos demais, quis que abandonássemos o papel de juizes, que ninguém nos autorizou a ser e que com tanta facilidade assumimos.

Fulano fez tal coisa: Beltrano submette-o a juizo, fala e condena.

Quem é Beltrano para pronunciar sentença sobre o próximo? Melhor seria, sem dúvida, que se voltasse sobre si mesmo e procurasse aperfeiçoar-se.

É muito mau arvorar-se em juiz dos parentes, amigos e conhecidos, e peor ainda ser impiacável e feroz no julgamento. Acaso é perfeito quem, com tanta dureza e tanta crueldade, condena seu semelhante?...

Podemos enganar-nos; quem sabe julgamos mal o que é bom.

De qualquer modo vamos perdoar, que isto é doce, prudente, misericordioso, e deixemos que Deus julgue em definitivo o ato alheio.

Assim, se procura e se alcança a paz do coração.

Nunca nos arrependemos de ser generosos e tolerantes, e o mais admirável deste ensinamento é que, perdoadando a nosso irmão, mais nos beneficiamos nós que ele, porque praticamos a bondade, abandonamos o coração, nos elevamos acima das misérias deste mundo.

em derredor da cama da paciente, respondiam com piedade às jaculatórias que sugeriu o sacerdote até a hora em que a alma de D. Helena, desligada das peias do corpo, voou ao seio do seu amante Pai.

Esta Administração mandou rezar os sufrágios a que tinha direito e apresenta à família enlutada os seus sentidos pezames.



* **NO DIA DE SANTO EUGÊNIO**, festa patronal do Papa, a Cidade do Vaticano foi embandeirada e as suas diversas secretarias permaneceram fechadas.

O Santo Padre recebeu 22 membros do Sacro Colégio, que lhe apresentaram as suas saudações pela voz do cardeal decano, Granito Di Delmonte.

O Papa manifestou aos membros do Sacro Colégio o seu reconhecimento pelas palavras que o decano dos cardeais proferira em seu nome.

O cardeal Ganali, presidente da Comissão Pontifical do governo da Cidade do Vaticano, transmitiu também ao Santo Padre os votos do pessoal da administração do Vaticano.

* **O PAPA PIO XII**, em alocução que pronunciou ao receber os membros do Sacro Colégio, que lhe foram apresentar seus cumprimentos, depois de agradecer as homenagens, falou das circunstâncias em que a Providência o chamou a tomar a sucessão de Pio XI.

O Santo Padre diante da gravidade extraordinária da hora presente, tem plena consciência das suas responsabilidades, mas à proporção que esse sentimento nêle aumenta, seu coração se enche de confiança sem limites, pela força misteriosa da graça divina, que constitui neste momento a defesa e o sustentáculo da igreja.

“Na época procelosa atual, as correntes de amor que transportam seus fiéis para o rochedo que constitui a fé de São Pedro — disse o Papa — formam na superfície das ondas, crescentes de ódio, uma camada, semelhante à do olho que acalma as vagas em furor”.

Por isso é que o Papa sente singular reconhecimento para com o Senhor, bem como para com todos aqueles que oferecem ao mundo o exemplo da generosidade de grandeza de alma.

“Nunca — disse S. S. — uma ação pacífica das almas dos fiéis foi tão eficaz e rica de promessas como neste momento. Deus já marcou, certamente, para a Igreja, tão rica em tesouros espirituais, o dia em que a ela se dirigirão os corações e os espíritos enumeráveis que ainda escutam e seguem outros ideais, ou antes, ideais enganosos. Dia virá em que a humanidade transviada pelos erros e pela mentira, estará pronta a ouvir de novo, com interesse e esperança renovados, o sermão da montanha, o sermão do amor e da fraternidade.

Ao limiar da ordem dos povos, nova e verdadeira palavra do mestre ao coração a que é dedicado este mês de junho, ressoou nos ouvidos de todos os homens: “Estou à porta e bato”.

* **REALIZOU-SE**, nesta cidade de São Paulo, a cerimônia da entronização da imagem de Cristo no salão nobre da Federação das Indústrias. O ato, que foi presidido pelo

Sr. Arcebispo D. José Gaspar, teve a presença de inúmeros diretores dessa entidade de classe, de presidentes de sindicatos patronais, trabalhadores da indústria e de outras pessoas.

Falou em primeiro lugar o presidente da Federação, Dr. Roberto Simonsen, que saudou o Sr. Arcebispo Metropolitano. A seguir, usou da palavra D. José Gaspar, que depois de agradecer a saudação do Sr. Simonsen, referiu-se à cerimônia da entronização, dizendo que a colocação da imagem de Cristo no salão nobre é um indício de que os mentores das atividades industriais de São Paulo querem viver e orientar-se pelos preceitos cristãos.

Logo depois de falar, o Sr. Arcebispo descerrou a bandeira que encobria a imagem de Cristo.

* **SEGUNDO SE ACREDITA**, Pio XII está preparando uma encíclica, que deverá ser publicada na ocasião da abertura do túmulo de São Pedro.

Essa encíclica, segundo se espera, sublinhará, particularmente, a tarefa da Igreja no período tumultuoso por que o mundo está passando.

* **FOI OFICIALMENTE ANUNCIADO** que o governo da China já apresentou ao Vaticano o nome do primeiro ministro que a China terá na Santa Sé, aguardando ainda a respectiva aprovação. O nome apresentado ainda não foi tornado público, entretanto.

* **PELA PASSAGEM** do 31.º aniversário da sagração episcopal do cardeal D. Sebastião Leme, a Ação Católica Brasileira promoverá, no Palácio São Joaquim, uma manifestação a S. Eminência.

* **A COMISSÃO DE SENHORAS**, encarregadas de distribuir o lanche às 30 mil crianças, que deverão comungar por ocasião do IV Congresso Eucarístico Nacional, está prosseguindo na sua campanha junto do Sindicato dos Panificadores e de diversos proprietários de padarias da Capital.

As senhoras, que tomaram a seu cargo esta tarefa estão certas de obter todo o êxito no seu trabalho, visto que todas as classes e entidades, sem distinção, pressurosamente, vêm concorrendo com a sua generosa contribuição para o maior esplendor do grande certame.

* **DE ACORDO COM A PROPOSTA** do Departamento da Produção Mineral o ministro da Agricultura sugeriu ao Chefe do Governo a ida de uma nova expedição às jazidas de ouro de Urucumaquan, no Estado de Mato Grosso, nos vales dos rios Apedié e tributários do alto Corumbá. Os membros da expedição, ante os riscos de saúde e de vida a que estarão sujeitos, levarão remédios, armas e munições, bem como presentes, inclusive dinheiro, para os índios. O Chefe da Nação aprovou essa expedição àquela rica região aurífera do sertão brasileiro.



Nada de missa!

I

PELAS 8 horas da noite, estava formada a roda tradicional em redor do taboleiro do gamão. Jogavam o vigário e o promotor, respectivamente representantes do braço eclesiástico e do braço secular. Alguns amigos "apiruavam", e o cheiro dos cigarros misturava-se com os eflúvios aromáticos do moka, que ia correndo em chicaras japonesas. A palestra, pontuada pelas pancadas dos dados, era uma intermitência de exclamações e reflexos:

— Quinas!

— Cinco e dois!

— Terá aparecido muito pescado hoje no pôrto?

— Dizem que no alto rio as chuvas são brabas.

Exclamações e reflexões foram interrompidas por uma voz volumosa e rouca, que retumbou na entrada do corredor:

— Dão licença?

— Entre quem é! mandou o padre.

Apareceu no limiar da sala o Salomão, vulgo Salamão, um caboclo entre duas idades, ainda forte. O homem fazia rodar, entre os dedos grossos, o vasto chapéu de carnauba, pintado a tinta de mangue, para resistir às soalhadas e chubaradas que alternam sobre a cabeça dos canoeiros.

— O seu Salomão deseja alguma cousa? indagou o vigário sem largar o cornimboque.

— Desejar eu desejava, mas a hora não é talvez própria.

— Trata-se de assunto reservado? sendo assim, iríamos conversar no meu gabinete.

— A cousa pode ser tratada diante de todos. Eu apenas queria uma missa.

— Em que dia?

— No primeiro dia livre, pois não faço tenção de assistir, porque moro muito longe da matriz.

— Qual é a intenção?

— Em honra de São Benedito. Todos os anos, mando dizer a missa de São Benedito.

— É promessa de devoção?

— É compromisso. Costumo promover uma reza em casa, com ladainha e tudo e, no fim, trato da missa, aqui na matriz.

O vigário suspendeu a partida, afim de prestar maior atenção ao caso, que não lhe parecia muito católico. O Salomão lembrava-lhe festejadores profissionais, exploradores do calendário cristão que fazem das festividades um ganha-pão. Um pequeno inquerito não ficaria fora do propósito.

— Diga-me, senhor Salomão, estas suas ladainhas não serão com batuque?

— Batuque, não! São seguidas de um baile de família, cousa diferente.

— O senhor Salomão costuma tirar licença do padre para a ladainha e da policia para o baile?

— Cada qual manda em sua casa, e não ha lei para me "improibi" de cantar uma ladainha e de organizar uma dança em minha choupana.

— Está enganado, senhor Salomão. Se a ladainha fosse em familia, diante do oratório doméstico, seria dispensável a licença, por tratar-se de reza particular. O mal é você convidar amigos e vizinhos, gente de perto e de longe, transformando assim em festa um ato familiar. Ora, para festas religiosas é preciso uma capela ou a matriz, com a presença ou a licença do vigário. Numa freguezia ninguem pode promover cerimônias católicas sem o "visto" do padre e, muito menos, contra a vontade do padre.

— Isso é muita novidade e muita exigência.

— Ainda não acabei, senhor Salomão. Não satisfeito em promover ladainhas públicas sem a permissão da autoridade eclesiástica, o senhor tem a petulância de organizar bailes, nas costas da solenidade religiosa, e isso é o cúmulo da profanação.

— Eu vim tratar de missa e não ouvir um sermão que não encomendei.

— Não terminei ainda, senhor Salomão. Além da ladainha sem licença, além do baile pespegado na ladainha, o senhor vende cachaça, vinhos, tiquira ou manicuera, com o perigo de precipitar os convidados na embriaguês e de lá no crime.

— Graças a Deus, nunca houve pancadaria no meu sitio, porque todos me têm respeito. Sou homem para me garantir.

— Não duvido, senhor Salomão, mas de tais danças e bebedeiras resultam atos contra a moral e contra a honra, atos que a Lei reprova, não só a Lei religiosa como a Lei civil.

— Palpita-me que o reverendo não quer rezar a missa.

— Direi daqui a pouco. Por enquanto, o senhor Salomão confessará se as despesas da festa de São Benedito correm pela conta do senhor Salomão.

— Naturalmente: quem ha de pagar senão o dono da festa?

Levantou-se um negociante local e, fitando o Salomão bem nos olhos, disse-lhe severamente:

— Seja franco e não engane a pessoas de bem. Até nas paróquias limitrofes você distribue listas, e conheço comerciantes da capital aos quais você mandou peditórios. Porque não confessar lealmente a verdade?

O caboclo baixou a cabeça e, virando febrilmente o chapéu entre os dedos, coou de

esguelha olhares de rancor contra o denunciante que prosseguiu, sem deixar-se intimidar:

— Acresce que você vai com uma imagem esmolar de sitio em sitio, dando a beijar o santo aos devotos, que entregam um níquel por medo de um castigo do céu.

O vigário, recalçando sua raiva contra o festeiro explorador, esforçou-se em manter um tom moderado porque a ira, mesmo santa, não dá sempre bons resultados. Observou pois, com calma aparente:

— O senhor Salomão resvala de pecado em pecado... Arranja ladainhas públicas, só admissíveis nas capelas ou na matriz... Celebra estas ladainhas sem a presença ou licença do padre... Organiza batuques após a reza; transformando em diabólico um ato piedoso... Vende bebidas alcoólicas com o perigo de fomentar desordens... E, finalmente, facilita as imoralidades inerentes aos bailaricos e às cachaçadas... Quantos crimes na consciência!

— Eu só queria saber se o reverendo tenciona celebrar a missa de São Benedito.

— Celebrarei a missa em honra de São Benedito, quando o senhor Salomão fizer uma festa em honra de São Benedito.

— Então, não fiz?

— O senhor Salomão fez uma festa em honra da pandega, do carnaval, da pinga, da desobediência e de pouca vergonha. Desta forma, não podemos ter entendimento.

— Então, darei os dez mil reis aos pobres.

— Como quizer! Espero que no ano vindouro venha entender-se comigo, se desejar uma verdadeira festa em honra de São Benedito, com a missa final.

O caboclo abaixou de novo a cabeça e deu uma risadinha da boca para dentro. Não estava decidido a renunciar a uma ladainha que lhe rendia algum dinheiro, cachos de bananas, mãos de milho, galinhas, ovos e porcos, além de paneiros de farinha.

— Veja lá se cai em outra, arrematou o padre. O santo pode castigar.

— Qual castigo, qual nada! O santo é mais camarada do que os reverendos. Até outra vez, senhor padre, e passe muito bem!

— Até outra vez, senhor Salomão, e Deus lhe dê juízo.

P. Dubois

(Continua)

RECEITAS ÚTEIS

Para se tirar a ferrugem do linho ou do algodão, basta ferver um pouco de ruibarbo, molhando neste líquido o lugar manchado.

*

Para amaciar as mãos depois de as lavar com sabão e água, esfregam-se com aveia quando ainda húmidas, ou açúcar com azeite.

*

Para limpar as cadeiras de couro, esfregam-se com leite quente, e quando limpas, dá-se-lhes o polimento com graxa amarela de sapato.

Leia e... sorria



— Poderia o senhor deixar de lêr, por um momento, essas notícias de crimes, para eu lhe fazer a risca?

NA DELEGACIA

Delegado: — Mas, homem, porque você bebe tanto?

Bêbedo: — Para afogar os meus desgostos.

Delegado: — E consegue?

Bêbedo: — Qual! doutor. Os danados sabem nadar...

*

PENSAVA QUE...

Um tapiucano foi ao Rio pela primeira vez.

— Que maravilha!... Que boniteza!... —

Uma coisa intrigava-o, porém.

Chegou-se a um guarda e perguntou:

— Faiz favô? Que qué dizé aquele miá do jacaré atrás do atomovel?"

— É o número oficial do carro.

— Eu pensava que era o número de pessoa que artopelou...

*

O EMBAIXADOR DE HENRIQUE VIII

Henrique VIII da Inglaterra, o apóstata, dispunha-se a enviar um embaixador junto a Francisco I com uma mensagem pouco agradável ao rei da França.

Observou o embaixador inglês que o mais provável seria que o monarca francês lhe mandaria cortar a cabeça.

Respondeu Henrique VIII: "Ide e não tenhais medo. Se Francisco I ousar cortar-vos a cabeça por essa mensagem, eu farei rolar por terra muitas cabeças de franceses que tenho em meu poder".

— "Senhor — obtemperou o embaixador, — tenho a honra de fazer saber a V. M. que de todas as cabeças que fizer cair, nenhuma me assentará tão bem sobre os meus ombros como a minha própria".

Biblioteca amena da "AVE MARIA" (32)



— Pois a mim enternece e enche de um sentimento de alta veneração — disse Fernando à sua prima — o vêr uma prova da nobre e altíssima dignidade que os nossos bispos têm sabido pôr à mitra, como acaba de demonstrar patentemente a decidida e calorosa repulsa da titia, que eleva e separa êstes dignos prelados de todo interesse, de toda paixão, de todo amor e de todas as relações pessoais da terra. Esta instintiva fé prova mais em favor da instituição e dos individuos do que poderiam fazê-lo copiosos argumentos.

— Porém, meu senhor — disse D. Narciso, que se aproximara — confesse que não é possível aferrar-se assim uma pessoa a um êrro dêsses, sem considerar que não se trata de católicos.

— Assim é — repoz Fernando — que o santo respeito de minha tia para com a dignidade de bispo é tal, que se estende a todas as seitas, não admitindo nelas o que o catolicismo também não admite. Ainda isto é grande sob o aspecto da fé e belo sob o da adesão, e tem toda a minha simpatia! E quer que lhe diga? Invejo essa indignação de minha tia, ao ouvir uma verdade, que a nós outros não é estranha, como uma criação fantástica. Quão verdade é que quanto mais se sabe... menos se sente!

— Mais vale saber que sentir — disse D. Narciso.

— Isso não! — exclamou Carlos. — Dou todos os meus livros por um sentimento.

— Sobra tudo, em matéria de religião — concordou Fernando —; a fé do coração se dá e a da cabeça se vende.

Depois de se haverem refrescado, saíram a dar um passeio, enquanto preparavam a refeição.

Fernando ofereceu o braço à sua tia.

— Não, meu filho — lhe disse esta —, eu te agradeço. Deixa-me com D. Benigno, que está habituado ao meu andar; e mesmo, não quero me afastar muito. Assim,

vai-te com os outros e só te recomendo que cuides de Élia: ela corre muito e, com o sol que faz, pode apanhar alguma doença.

D. Benigno abriu um tremendo guarda-sol colorido, debaixo do qual cabia uma dúzia de pessoas, para dar sombra à sua senhora. O capataz ia ao lado, tirando estorvos do caminho.

— Senhora — disse D. Benigno —, eu e Frasco temos pensado que aqui ha gente de sobra: as ovelhas têm três pastores, e com um guia, basta um pastor e um menino; não é necessário burreiro, porque os burros estão agora quasi todos no carroto, e, passando a colheita, um guarda é suficiente.

— É verdade — respondeu a senhora, — vocês têm razão. Só não pensaram numa coisa.

— E que é? — perguntaram ambos a um tempo.

— É que se eu não preciso dêles, êles precisam de mim — continuou a Assistente. — Fique, pois, tudo como está.

Entretanto, Élia corria como uma corça, examinava os arbustos, colhia flores e depressa se adiantou de todos os outros.

— Olha — disse a Carlos, mostrando-lhe uma espécie de campanula vermelha, muito comum em Andaluzia —, olha que **candil de vieja!** (Candêia de velha.)

— Gosto mais de olhar, em teu rosto, as luzes da mocidade.

— Carlos — disse Élia —, tens tomado, de algum tempo a esta parte, o hábito de elogiar-me em minha presença e isto não está bem. Os elogios se fazem na ausência da pessoa. Gostarias, por acaso, que eu te dissesse em tua frente: "Que bom moço és, Carlos; que bom gênio tens e que graça em tudo; nenhum dos que frequentam a casa de minha mãe se pode comparar contigo!"?

— Sim, por certo que gostaria! — respondeu Carlos com grande alegria. — Sim, Élia, isso me faria feliz!

— Vaidoso! — repoz Élia —. Com que então os elogios te fazem feliz?

— Quando saem de tua boca, sim.

— E por que da minha boca?

— Porque te amo, Élia! Porque te amo muito! E não é como o irmão que ama a irmã, a mãe ao filho, o amigo ao amigo. Amo-te, Élia, como a vida à alma, sem a qual não pode viver nem ser perfeita e da qual não pode separar-se sem succumbir.

(Continua)

PÁGINA INFANTIL



(É proibida a reprodução desta página)

Uma boa resolução

Cazuza guardou o dinheiro no cofre, e disse muito sério para a irmã:

— Não, Maria!... Não quero gastar meu dinheiro!

— Ora! Não seja “pão duro”!... Vamos fazer um “pique-nique” lá no fundo do quintal. Convidaremos o José, o Paulo e a Joaninha... Será uma festa verdadeira! Compraremos balas e caramelos. Já pensei em tudo. Estenderei uma toalha na grama, e porei os doces nos pratinhos... Você vai chamar o resto do pes-



soal, e comprar as balas. Eu me encarregarei do caramelos que são mais caros. Porque não sou tão sovina como você!

— Faça o “pique-nique” que quiser, Maria, mas não conte comigo.

— Porque?!

— Porque não quero gastar meu dinheiro!

— Você está ficando avarento, Cazuza. E isso é pecado, fique sabendo. Desde a semana passada que não quer gastar nenhum tostão. Não quis ir à “matinée”, não comprou “pé de moleque”...

— E o que tem isso? Você não sabe que nem sempre as “matinées” são boas? Mamãe mesmo diz isso.

— Mas a respeito dos “pés de moleques”...

— Não me fazem falta.

— Eu lhe aviso enquanto é tempo, Cazuza. Você está ficando avarento!

Cazuza deu risada, mas não disse nada.

— Afinal, você gasta ou não gasta alguns tostões do seu cofre?

— Já disse que não.

— Pois vou contar tudo à mamãe. Não quero mais tarde ter um irmão avarento, como aquêlê velho da história que nem dormia sossegado, e vivia a trancar portas e janelas para que os ladrões não lhe roubassem a fortuna.

Mamãe soube do caso, e mandou chamar o “avarento” em sua presença.

— Meu filho, disse ela, já não lhe ensinei muitas vezes que não se deve ter apego ao dinheiro?

— Ensinou, mamãe.

— Na verdade é muito bonita a economia. Porém, creio não haver grande inconveniência em você se desfazer de alguns tostões...

Cazuza custou responder:

— ...É que ...eu quero encher o meu cofre, e ser dono de uma grande fortuna.

— Mas você é muito pequeno para pensar assim. E além disso, pouco adiantariam os tostões do seu cofre.

— Não diga isso, mamãe! Nunca ouviu dizer que “de tostão a tostão se vai a um milhão?”

— E para que, você quer arranjar tanto dinheiro?

— É uma história comprida, mas eu lhe contarei, mamãe. Outro dia, no meu colégio, vi um cartaz. Um lindo cartaz, onde estava escrito: “Jovem; auxilia a Obra das Vocações Sacerdotais. Há uma porção de meninos da tua idade que querem ser Padres, porém não têm meios para custear seus estudos. Uma pequenina esmola de teu bolso, será um grande auxílio. Não te esqueças!” Eu li aquilo, mamãe, e comecei a achar que gastava muito dinheiro com doces e “matinées”... Resolvi então, economizar, e empregar meu “capital” em coisas mais sérias... Vou auxiliar as Obras das Vocações!”

— Meu querido filho, disse a mãe emocionada. Que Deus o conserve sempre generoso assim. Agora vá explicar tudo à sua irmãzinha. Não quero que ela o julgue um grande avarento, meu pequeno herói!

Regina Melillo de Souza

COISAS DE CRIANÇA

— Vovó, êsses óculos são de aumento?

— São, meu neto, são de aumento.

— Pois então faça o favor de tirá-los para me dar um pedaço de queijo.

Esperteza de um "campônio"

Um rico banqueiro de Paris entrou num restaurante para almoçar. Quando mal tinha principiado, veio sentar-se junto d'ele um campônio de blusa, chapéu de aba larga e de chicote na mão. O seu aspecto era de pessoa feliz. Pôs de lado o chicote e chamando o garçon pediu seis ostras. E, uma a uma, foram passando do prato ao estômago; porém, ao chegar à terceira, deu um grito como quem se tinha ferido.

— Parti um dente: ai o meu rico dente!

Levou a mão à boca e tirou dela uma pérola, uma soberba pérola na aparência, negra de côr e ainda coberta de molusco.

O banqueiro olhou-o surpreendido e felicitou-o pelo achado:

— Que soberba pérola! O senhor teve sorte. É raro encontrar semelhante a essa, com êsse tamanho!

— Sê é boa ou má não o sei, mas que me feriu isso é que é verdade.

— Pode ser que não conheçais o preço! O senhor o que deseja é encarecê-la.

— Palavra que não... mas quanto valerá o pedregulho?

— Ha de valer suas oito libras.

— Se lhe serve pela metade?

— Pronto... — e tirando as quatro libras entregou-as ao homem, guardando a pérola no bolso.

E, mal acabou o almoço, foi-se logo ter com um joalheiro a dizer o feliz que tinha sido na compra.

— Fostes enganado. A pérola é falsa e falso é o campônio que a vendeu. Aparece várias vezes por ai e tão bem desempenha o seu papel, que até os mais espertos caem na ratoeira.

Vinho para consagrar "Cruzeiro"

Exmos. Srs. Sacerdotes!

Peçam Vinho para consagrar marca "CRUZEIRO".

Aprovado pelos Exmos. Srs. D. Antônio Reis, Bispo de Santa Maria, D. Hermeto, Bispo de Uruguaiana, e D. José Tupinambá da Frota, Bispo de Sobral.

Usado ha mais de 10 anos na Catedral Metropolitana de Pôrto Alegre.

PRODUTORES:

LUIZ MICHIELON & CIA.

Séde em PÔRTO ALEGRE:

Rua da Conceição n.º 422

Caixa Postal, 514

End. tel. "MIMO"

Seção Agrícola e Industrial em
CAXIAS

Hemorroidas

TRATAMENTO SEM
OPERAÇÃO

DR. CESAR GIRARD JACOB

Da Santa Casa — Clínica especializada das doenças do Aparelho digestivo — Colites — Prisão de ventre — Fistulas — Fissuras — etc.

R. 7 DE ABRIL 176 - 3.º and.

Telefs.: 4-7033 e 7-2449

VIDROS E VITRAIS

Galliano & Comp.
IMPORTADORES

S
A
O
P
A
U
L
O

VIDROS PARA VIDRAÇAS EM GERAL

VITRAIS ARTÍSTICOS PARA
RESIDÊNCIAS E IGREJAS

"CALOREX", VIDRO QUE INTERCEPTA
80% DO CALOR

★

RUA LIBERDADE, 590 — FONE: 7-0544



O delicioso
creme de
cereais

ARROZINA

Cria os bebês
robustos

ARROZINA

Dá saúde e
beleza aos
bebês

ARROZINA

Engorda e
nutre os
bebês

— PEÇA AMOSTRA GRATIS À CAIXA POSTAL 847 —

MISSA DE ANGELIS (Partes do canto) — Duzia: 5\$ (mais 1\$ pelo correto)

100 exemplares: 35\$000

A' venda nesta Administração: Caixa Postal, 615 — São Paulo